

Izaias Riva Funicelli

SOU EU, SOU O QUE SOU



Sou eu,
sou, o que sou

Izaias Riva Funicelli

Sou eu, sou, o que sou





O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Sou eu, sou, o que sou
Copyright © 2020, *Izaías Riva Funicelli*
Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro – 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Revisão:

Leticia Rio Branco

Arte de Capa:

Fábio Darci

Diagramação:

Pod Editora

Maria Eduarda Muniz de Moura

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F977s

Funicelli, Izaías Riva

Sou eu, sou o que sou / Izaías Riva Funicelli. 1. ed. - Rio de Janeiro : Pod, 2020.

340 p. ; 21 cm

ISBN 978-65-86147-74-2

1. Funicelli, Izaías Riva. 2. Italianos - Imigrantes - Biografia - Brasil. 3. Brasil - Emigração e imigração. I. Título.

20-67657

CDD: 920.71

CDU: 929-055.1

23/11/2020

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Dedico o livro a minha amada mãe, Urca Revas Iricelli, 100 anos,
e a minha querida irmã, Iáconez Imaculada Revas Iricelli, 61 anos

Maio de 2020, um momento trágico para o mundo, Covid-19, doença através de um vírus, ao certo não se sabe onde surgiu ou quem foi o hospedeiro. Em casa, por mais 45 dias confinado, resolvo com apoio de minha mulher amada, amante, esposa, companheira, incentivadora Joelma Maria Parnavalli, 61 anos, a escrever minha vida, meus momentos, meus sentimentos.

JESUS, caminha sempre ao meu lado.

Sumário

1882.....	13
1901.....	17
1914.....	20
1923.....	21
1943.....	26
1954.....	27
1959.....	33
1965.....	37
1972.....	45
1981.....	68
1982.....	98
1983.....	114
1984.....	118
1989.....	156
1991.....	164
1992.....	183
1995.....	215
2002.....	226
2006.....	231
2010.....	237
2011.....	263
2012.....	266
2013.....	269
2015.....	281

2017.....	294
2018.....	299
2019.....	320
2020.....	323
Pandemia	332
Agradecimentos.....	338

A cidade de Loreto, uma comunidade Italiana da região dos Marche, província de Ancona, com cerca de 17 km quadrados, faz fronteira com Castelfidardo, e também com outra comunidade Porto Recanati, província de Macerata.

Loreto é um local célebre por ter um santuário Mariano de peregrinação desde o século XIV, o Santuário da Santa Casa de Loreto. Essas comunidades são próximas ao mar.

Maria Molini, minha bisavó, com trinta e três anos, mãe de seis filhos, tomara uma importante decisão... Passara por duas experiências matrimoniais: o primeiro casamento aos quatorze anos, com Franco Estertere, homem alto, forte e com traços bem definidos de italiano, sempre trabalhou no arado e dono de pequenas posses de terras. Resolvera casar-se pois já havia passado da hora, estava com trinta anos de idade. Arrimo de uma família com vários irmãos pequenos e sem os pais, ficara com a incumbência de encaminhá-los. Casou-se, então, com Maria Molini, que ainda brincava com bonecas, acabara de fazer 14 anos, criada na lavoura, para ser dona de casa. Casada há poucos dias, descobriu-se grávida, e ainda mais apaixonada por seu marido e mais dedicada à nova família que estava formando. Nasceu um belo e forte menino, bem rubro e com mais de quatro quilos. Tornou-se, então, a grande paixão da família, sobretudo do pai, totalmente extasiado pela bela criança. Foi batizado com o nome de Francisco. O pai não sabia o que fazer pelo filho e pela apaixonada mãe, ficando horas ao lado dos dois, deixando até um pouco de lado seus afazeres da lavoura. Franco declarou a Maria que essa criança era a razão de sua vida, e sem ela não seria nada, preferiria a morte. Passados poucos meses, o belo Francisco caiu doente e veio a óbito, deixando a mãe totalmente desesperada, e, sem saber como fazer e agir... Franco, tornou-se um homem perdido, sem forças para seguir trabalhando, sem conseguir se alimentar, displicente com os próprios cuidados pessoais, um verdadeiro farrapo humano, vindo a falecer. Maria, apesar da tragédia, conseguiu ressurgir, assumindo a lavoura, a casa e dando continuidade à sua vida. Mas a viúva tão jovem não passou despercebida na comunidade italiana, e, ainda em luto, viu surgir um novo pretendente, Francisco Tioratante. Homem de poucas palavras, mas um verdadeiro cavalheiro para sua época, vestia-se impecavelmente, mesmo para o trabalho no campo. Aos finais de semana, usava terno, gravata, sapatos limpos, e, obviamente, com a famosa boina, característica de qualquer bom italiano na época,

destacando-se sempre dos demais. Sua pele tão perfeita provocava inveja nas mulheres, que, com todos os truques de embelezamento, jamais conseguiriam se igualar a dele. Tinha cabelos loiros e bem finos, embora já indicasse entrada para uma possível calvície, mas seus olhos, cor azul do céu, faziam com que este pequeno detalhe não fosse visto. Já com alguns bens, e, com trinta e quatro anos, poderia iniciar uma nova família, e assim foi feito. Conseguiu tirar o luto de minha bisavó, Maria Molini.

O novo casal se sobressaiu na comunidade, ela por ser jovem, bonita e atraente, e ele por sua simpatia e beleza, causando inveja nos outros homens, e um certo desconforto aos outros casais que levavam uma vida difícil e árdua.

Não demorou muito e Maria Molini percebeu-se grávida, o que realçou mais sua beleza fazendo com que Francisco ficasse mais envaidecido e cheio de ideias, conseguindo aumentar suas terras para produção de vinhos e olivas, disposto a trabalhar muito mais.

Maria, então, no quarto mês e com uma pequena barriga, continuou com todos seus afazeres, tanto no lar como na lavoura. Adorava colher frutos de azeitona para o preparo dos azeites que só essas regiões conseguem produzir.

Aos domingos, era sagrado a ida ao Santuário da Santa Casa de Loreto, onde os fiéis mantinham um olho no devoto altar e outro no casal, que, como disse anteriormente, se destacava dos demais. Após a missa, uma volta pela cidade para passar no empório e para comprar mantimentos da semana, atraindo a atenção dos que ficavam parados e olhando o casal, tão diferente para eles. Existe um ditado italiano que diz o seguinte: “Inveja mata”. E esse ditado realmente conseguiu ser realizado, provocando mais uma vítima. Maria, ao subir em um banco para colher os frutos da oliveira, caiu e logo apareceu uma mancha de sangue em seu vestido, escorrendo e criando uma pequena poça ao seu redor. Infelizmente, acabara de abortar sua criança no quinto mês de gestação.

A perda causou um abalo enorme no casal, que os uniu ainda mais. E, assim, apaixonados, Maria e Francisco logo voltaram ao trabalho. Não tardou para que Maria engravidasse novamente.

Com o passar dos anos o casal, agora com cinco filhos, teve as despesas aumentadas, assim como os ganhos também, as parreiras cada vez mais carregadas e o azeite, cada vez melhor. Iniciou-se um novo ano. Com a chegada de um inverno bastante forte a lavoura começa a secar, apesar do marido, um homem de grande personalidade e muito trabalhador, pouca coisa conseguiu. As dificuldades começaram. Com frio congelante e intenso, os pequenos são os que mais sofreram com febre alta, peitos carregados, nariz a escorrer. Mas, com ajuda dos remédios caseiros, ervas do campo, xaropes, óleos e gorduras de animais, que são as pomadas milagrosas, logo se recuperaram. Diferente dos adultos, pois além das doenças, eles tinham o trabalho no campo, que requer manutenção e cuidados diários, devido às pragas, capazes de acabar com sonhos de anos. Infelizmente, Francisco acabou não resistindo à pneumonia que o atacou fortemente, deixando minha bisavó Maria com cinco filhos, viúva de dois maridos. Ela precisava continuar a vida, e, apesar de seus trinta e três anos, teria que levar seus filhos a se desenvolver. Nesta época, a vida no campo estava muito difícil, pois a terra encontrava-se cansada, precisando ser arada e renovada para novas safras. Um novo século se anunciava com escassez financeira, e as perspectivas na localidade cada vez menores. Foi então que ela começou a ouvir conversas a respeito de um novo mundo do outro lado do oceano, que necessitava de novos agricultores, pois havia terras para várias pessoas que tivessem novos ideais, terras estas fáceis de se plantar e onde os filhos teriam melhores condições para se desenvolver. Maria tinha feito uma reserva durante vários anos, para, agora, poder utilizar e preparar a documentação para a viagem. A dificuldade, porém, era enfrentar os patrícios, pois sendo viúva, com filhos, não poderia ter jamais este direito sem autorização de seus familiares, da igreja, onde o pároco tinha autoridade maior e com apenas um simples olhar autorizava ou não os fiéis da absolvição divina. Maria, que era uma mulher de fibra, como pudemos ver até aqui, conseguiu forças para superar tudo isso, preparando toda a documentação da sua família. Embora ela já tivesse um novo pretendente que a comunidade lhe preparava, um terceiro casamento estava fora de seus propósitos, porque a vontade de

encontrar novas terras e atravessar o oceano era maior. Com o passar dos meses, a tão esperada e difícil papelada finalmente ficou pronta, e Maria teria que ir até o porto para marcar e definir a data da viagem. Agora, com tudo definido e marcado, na volta do porto para sua casa, encontra sua tia, que lhe faz a seguinte pergunta: “onde você esteve o dia todo, estive em sua casa por mais de uma vez. Encontrei só sua comadre que era irmã do seu primeiro marido com as crianças. Nossa, o que é isso no bolso do seu avental, (a vestimenta nesta época era vestido comprido até o chão, e tinha na altura da cintura na parte da frente um avental, nele havia um bolso que se colocava pertences pessoais, lenço, ou outras coisas do tipo)”, sua tia mexendo no bolso do avental de Maria, percebeu barulho de papéis e lhe pergunta, o que eram esses papéis. Maria, então, fica com o rosto vermelho deixando transparecer o seu plano de fuga para o novo mundo. Os papéis que estavam em seu bolso eram os bilhetes do navio e de embarque e documentos para seus filhos. Ficando difícil a explicação, mas com sua fibra e decisão tomada, nada iria impedir de seguir seu rumo.

Então, ela responde a tia, que eram documentos para ida sua e de seus para um mundo novo chamado BRASIL.A tia, inconformada, responde que ela não poderia fazer isso, onde já se viu uma viúva, sem o mínimo de responsabilidade, um absurdo...

Maria, então, responde que já havia pensado muito a respeito, e não tinha volta. “Minha vida agora será do outro lado do mundo, onde terei terras novas”, deixando sua tia perplexa. Minha tia a decisão está tomada, responde Maria. Então responde a tia; espero que o navio afunde, sua louca! E a resposta veio a seguir, se o navio afundar, não deixo nenhum problema para vocês, pois morrerei com todos os meus filhos, já está tudo resolvido, volta a dizer. Adeus. Tenho muita fé que teremos muitas oportunidades nesta nova terra. Adeus!!

Após sete dias antes do sol nascer, minha bisa com trinta e três anos e seus filhos, Adelina com dezenove anos, Dorcelina, dezesseis anos, Leonardo, treze anos, Laura seis anos e Massimina com três anos, todos agora estavam no porto para o embarque.

1901

O navio zarpa, lotado de italianos, mulheres, homens, crianças de todas as idades, até algumas nascidas durante a viagem, mulheres decididas a acompanhar seus maridos. Mas tinha uma sozinha acompanhada com suas cinco crianças, pois para uma mãe, seus filhos são eternas crianças.

As condições dos passageiros eram péssimas, centenas de pessoas ali estariam, durante mais de quarenta dias, viajando sem comida abundante, sem higiene, com ratos por todos os lados. Diariamente, corpos eram jogados ao mar e crianças reclamavam de fome. Havia crianças com idade entre oito a nove anos, disputando com os menores o seio materno, para poder ingerir algo que as alimentasse. Entretanto, a vontade e os sonhos eram maiores, pois as terras além do mar seriam o néctar para suprir todas as desventuras. Os dias eram longos e as noites intermináveis, e, quando parecia surgir alguns momentos de sossego, logo alguém gritava "corpo ao mar". Doentes acumulavam-se pelo convés, da proa a popa, alguns com dores horríveis, outros com já em estado terminal, com bronquites ou pneumonia. Diarreia era coisa normal e nem era levada muito a sério pelos únicos dois médicos que ali também estavam à procura de novos horizontes. Esses médicos possuíam pouca ou nenhuma medicação que utilizavam em suas famílias, mas, devido à situação logo desaparecia. Os passageiros que eram transportados na área inferior, por muitos dias nem subiam para tomar sol, ou para respirar um pouco de brisa devido à falta de forças. E novamente os gritos de homem ao mar, soavam nos ouvidos por mais de uma vez ao dia.

Finalmente, Terra à VISTA! Chegada ao NOVO MUNDO. Tudo seria diferente. Estavam no Brasil, onde o mel e o leite jorram à vontade todos os dias. Agora minha "bisa" e seus filhos chegavam à imigração com todos os documentos em mãos. As crianças conseguiram vencer a travessia sem doença grave, somente a tão conhecida diarreia e vômitos com baixa nutrição, mas passível de rápida recuperação. Todos passaram ainda



Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2020